

Engenheiros e Arquitectos à beira de uma crise de nervos (de novo)

Semanário, 26 de Maio de 2006

Mário Moutinho

A Assembleia da República reconheceu há dias que é bom que os projectos de arquitectura sejam executados por Arquitectos “de verdade” assumindo assim que é necessário e bom para o país que se acabe com o princípio de quem tem formação não tem trabalho e quem tem trabalho não tem formação (velha guerra contra os Engenheiros Civis), como sustenta o Professor Freitas do Amaral no documento que serviu de base à iniciativa legislativa, em bom tempo promovida pela Ordem dos Arquitectos.

Também a Assembleia da República reconheceu em Plenário com o apoio de todos os Partidos (3.ª Sessão Legislativa 2004-2005, Reunião Plenária de 09 de Dezembro de 2004) na sequência de uma iniciativa da Associação Profissional dos Urbanistas Portugueses APROURB, que era bom e necessário para o País, que fosse regulamentada a profissão de Urbanista.

Sobre esta matéria, está também em posse da Assembleia da República uma Proposta de “Projecto de Lei” Sobre a Profissão, a Prática e a Formação do Urbanista. (ver dossier em <http://malhaurbana.ulusofona.pt>)

Agora o Bastonário da Ordem dos Engenheiros questiona-se sobre quais os projectos de arquitectura que ficam de fora do princípio geral e que os engenheiros querem continuar a fazer. Pois a resposta só pode ser uma: NENHUNS, pela simples razão que os Engenheiros não tem formação específica para praticar actos que são da competência dos Arquitectos.

A Bastonária da Ordem dos Arquitectos vem afirmando por seu lado que os Arquitectos têm (continuariam a ter para infelicidade dos portugueses) o direito de assinar planos e projectos de Urbanismo e Ordenamento do Território (!!!). Mas o bom senso diria que os Arquitectos não se devem meter em assuntos relativamente aos quais não têm formação específica.

Já temos o Colégio do Arquitectos urbanistas onde na verdade qualquer um pode ter acesso tal o funil é grande. Em vez de tal colégio significar mais formação mais qualificação (Mestrados ou Doutoramentos em Urbanismo e Ordenamento do Território) optou-se pela solução mais analfabeta. Qualquer coisa serve para dar migalhas de emprego aos milhares de Arquitectos desempregados.

Por este andar em breve teremos também um Colégio dos Arquitectos-engenheiros tanto mais que numa manhã qualquer arquitecto pode aprender (de forma analfabeta é certo) a utilizar as novas tecnologias disponíveis no mercado, aplicadas à engenharia civil e produzir em segundos todos os cálculos para quase qualquer obra de construção civil.

O caos urbanístico em que o país foi submergido não caiu do Céu. É obra feita e licenciada nas Câmaras e na Administração Central com a assinatura de Arquitectos e de Engenheiros Civis.

E quanto à responsabilidade social não há problema pois também os Engenheiros Civis encheram o País de obras ditas de arquitectura (de forma também analfabeta é certo) e nem por isso foram incomodados pelos prejuízos visuais e não só, causados e permanentes, nem disso têm qualquer remorso.

Esta situação também é válida para os Designers, comidos que são pelos Arquitectos, coitados, pois nem voz têm. A prática desta profissão (para a qual evidentemente é necessária formação específica) é ainda mais terra sem lei, onde todos fazem tudo à revelia da mais elementar responsabilidade social. Também aqui é a razão “bancária” que se impõe. Ou seja os Arquitectos querem pôr na ordem os Engenheiros, mas também querem continuar a usurpar as funções dos Urbanistas e dos designers, e isso é evidentemente muito feio ...!!!

Como diz o ditado: “Aquilo que não queres que te façam a ti, não debes fazer aos outros.” Por este caminho, as próximas eleições na Ordem dos Arquitectos vão ser animadas, pois nem todos os Arquitectos, estão prontos para tudo a qualquer preço.

Em Portugal paradoxalmente neste foro do social, reina ainda o princípio da cadeia alimentar: o passarinho come a formiga, depois é comido às bicadas pelo falcão que acaba nos dentes da raposa matreira que estrebuchará fatalmente no chumbinho do caçador...

Seria tempo para que Arquitectos, Engenheiros, Urbanistas e todos aqueles que para bem do Urbanismo e do Ordenamento do Território devem trabalhar em conjunto de forma responsável e por isso alheia á “razão bancária”, se respeitassem mutuamente, não usurpando funções para as quais não têm a necessária competência, a qual deve assentar numa formação consistente, conforme às orientações europeias sobre modelos e conteúdos de cada formação universitária?

Arquitectura, Urbanismo e Engenharia Civil são ciências, saberes e práticas cada vez mais complexas, com maiores exigências de formação e de controlo social, declaradamente sem lugar para improvisações.

Seria também tempo para que o Professor Cavaco Silva, viesse a público por em evidência que para se sair do nosso crescente subdesenvolvimento, é necessário e urgente que as Ordens e as Organizações profissionais em articulação com as Universidades (subsidiadas e auto-financiadas) se entendessem enfim sobre estas matérias, com base no princípio elementar da responsabilidade social partilhada.